

Sem acordo, COP29 é prorrogada novamente. Texto apresentado ontem irritou negociadores dos países em desenvolvimento e organizações da sociedade civil, que exigem recursos mais volumosos para fundo global



Em protesto silencioso, no local da COP29, ativistas exigem que as nações ricas forneçam financiamento climático aos países em desenvolvimento: US\$ 1 trilhão anuais é o valor calculado

## RICOS OFERECEM 25% do sugerido pela ONU

» PALOMA OLIVETO

Oferta de US\$ 250 bilhões (R\$ 1,3 trilhão) por ano até 2034 feita pelos países ricos foi rechaçada pelas nações em desenvolvimento na Conferência das Partes das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP29), em Baku, na Azerbaijão. Assim, ficou para hoje a plenária final de um encontro global marcado pela falta de acordo sobre o principal tema desta edição: a criação de um fundo para financiar medidas de mitigação e adaptação às mudanças climáticas.

“O valor oferecido pelos países desenvolvidos é uma cusparada na cara de nações vulneráveis como a minha”, reagiu o negociador do Panamá, Juan Carlos Monterrey, citado pela agência France Presse (AFP). Observadores da sociedade civil que participam da COP29 também criticaram o fórum, que recebeu 197 países mais a União Europeia (UE) ao longo das últimas duas semanas. “Essa é a pior COP da história recente”, definiu Mohamed Adow, da organização

não governamental (ONG) Climate Action Network.

Segundo Claudio Angelo, chefe de Política Internacional do Observatório do Clima, o rascunho apresentado ontem sobre o novo fundo, o Novo Objetivo Coletivo Quantificado (NCQG), responde de um questionamento feito ao longo da semana por diplomatas dos países em desenvolvimento. “Isso é uma piada”, eles perguntaram. É, de fato”, avaliou.

### Adaptação

O Acordo de Paris determina que, no próximo ano, entre em cena um novo mecanismo de financiamento para ajudar os países a mitigar os danos causados por mudanças climáticas e promover a transição energética. Economistas consultados pela Organização das Nações Unidas (ONU) calcularam em US\$ 1 trilhão anuais (R\$ 5,7 trilhões), até 2034, o valor necessário para atender, especialmente, as nações em desenvolvimento.

A conta deve ser paga pelos mais ricos, que se industrializaram antes,

### » Sem descanso

Encerrando a COP29 ou não, na segunda-feira começa a quinta rodada de negociações (INC-5) para um tratado global sobre plásticos em Busan, na Coreia, organizado pela ONU. O encontro, que termina em 1 de dezembro, deveria concluir, agora, as negociações iniciadas em 2022. Porém, o desafio será enorme. No rascunho de 73 páginas, há mais de 3 mil colchetes - pontos em aberto onde não há consenso. Dos 31 artigos redigidos, nenhum fala em financiamento para a substituição do plástico.

contribuindo mais com a emissão de gases de efeito estufa. Na quinta-feira, o grupo do G77+China exigiu ao menos US\$ 500 bilhões (R\$ 2,9 trilhões) por ano até 2030, a ser adotado por consenso dos 200 países.

Como o NCQG está previsto para o próximo ano, esperava-se que os detalhes do financiamento saíssem da COP de Baku. Porém, além de discordâncias

sobre o valor, os negociadores não concordam sobre quem pagará a conta. A União Europeia e os Estados Unidos querem que a China também contribua — embora seja uma nação em desenvolvimento, é a que mais emite gases de efeito estufa. A delegação chinesa, contudo, disse que aceita colaborar voluntariamente, mas se nega a ser obrigada a enviar recursos para o fundo.

“É desconcertante que, apesar de todos saberem durante todo o ano que esta era a ‘COP do financiamento’, os países ricos ainda se recusem a colocar sobre a mesa promessas de custeio suficientemente substanciais”, criticou Mariana Paoli, advogada da organização civil Christian Aid. “Isso é irresponsável, imoral e pode condenar as pessoas e o planeta. Seria melhor que os países em desenvolvimento abandonem a mesa (de negociações) do que se entreguem a esse lixo”, observou. Camila Mercure, chefe de Política Climática da Fundação Meio Ambiente e Recursos Naturais (Farn), lembrou que muitos países do sul global estão endividados “e incapazes de financiar

a adaptação a uma crise climática que eles próprios não causaram”.

### Dependência

Em entrevista à AFP, Eduardo Giesen, diretor para a América Latina da Campanha Global pela Justiça Climática (DCJ), também criticou o bloco dos países em desenvolvimento. “Os países do Sul, e eu incluo nossos governos latino-americanos, também não estiveram à altura da tarefa. Não apenas porque não concordam entre si, mas também porque continuam apegados a um modelo de dependência do Norte”, afirmou.

Como as declarações finais das COPs só podem ser aprovadas se houver unanimidade, os negociadores têm uma tarefa exaustiva para hoje. Não apenas o financiamento cria desacordo entre as partes. Se, na edição do ano passado, o texto explicitou a necessidade de reduzir os combustíveis fósseis, agora a Arábia Saudita e outros países árabes produtores de petróleo se negam a aceitar um documento “que tenha como alvo os combustíveis fósseis”.

### » Tubo de ensaio | Fatos científicos da semana

#### Segunda-feira, 18 COLAPSO NO MEDITERRÂNEO

O mar Mediterrâneo perdeu 70% de sua água há 5,5 milhões de anos, um drástico ressecamento devido a um período em que o Estreito de Gibraltar estava fechado, mostra um estudo publicado *Nature Communications*. A estreita passagem marítima, que separa a Espanha do Marrocos, desempenha um papel essencial nesse ecossistema. A pesquisa destaca que os rios que fornecem água doce ao Mediterrâneo são muito poucos para compensar a evaporação da água do mar. Esse desequilíbrio é contrabalançado pela troca de água entre o mar e o oceano Atlântico através do estreito. Na superfície, a água do Atlântico entra no Mediterrâneo e, em profundidade, a água do Mediterrâneo — mais salgada — sai. Se essa passagem fosse bloqueada, isso significaria uma queda no nível do mar de “cerca de 0,5 metro por ano”, afirmam os autores do trabalho. E foi isso que aconteceu entre 5,97 e 5,33 milhões de anos atrás, no fim do Mioceno, segundo eles.

Maurenilson Freire



#### TERÇA-FEIRA, 19 NOVA VACINA CONTRA MPOX

A Organização Mundial da Saúde (OMS) aprovou uma vacina contra a mpxv, da farmacêutica japonesa KM Biologics. É o segundo imunizante do tipo a obter a aprovação da agência das Nações Unidas. A OMS informou que vai permitir o uso emergencial do imunizante LC16m8, para “facilitar um acesso maior e rápido a vacinas nas comunidades onde os surtos da doença se expandem”. A licença abre caminho para que autoridades aprove e importem rapidamente o medicamento, a fim de distribuí-lo. “Um passo significativo em nossa resposta à emergência atual, trazendo uma nova opção para proteger todas as populações, incluindo as crianças”, ressaltou Yukiko Nakatani, vice-diretora-geral da OMS de acesso a medicamentos e produtos de saúde. Em agosto, a organização declarou emergência de saúde pública de importância internacional envolvendo a mpxv, após um aumento do número de casos da variante 1b na República Democrática do Congo (RDC), que se estendeu a outros países.

#### QUARTA-FEIRA, 20 FURACÕES TURBINADOS

As temperaturas oceânicas recorde aumentaram a velocidade máxima dos furacões que passaram pelo Atlântico em 2024, de acordo com um estudo que confirma que o aquecimento global turbinou o poder destrutivo das tempestades. Uma análise do instituto de pesquisa americano Climate Central revela que os 11 furacões da temporada de 2024 se intensificaram entre 14 e 45 quilômetros por hora. “As emissões de CO2 e outros gases de efeito estufa influenciaram as temperaturas da superfície do mar em todo o mundo”, disse o autor do estudo, Daniel Gilford. No Golfo do México, essas emissões elevaram as temperaturas da superfície do mar em cerca de 1,4°C acima do que teriam sido em um cenário sem mudanças climáticas. Esse calor torna os ventos com força de furacão mais potentes.

Nasa/Getty Images/AFP



#### QUINTA-FEIRA, 21 IDOSOS E COM VALOR

Um estudo liderado pelo Instituto de Pesquisa para o Meio Ambiente e Meios de Subsistência, da Universidade Charles Darwin, na Austrália, analisou as consequências da morte de animais velhos, considerados grandes e sábios, na natureza. O trabalho, publicado na revista *Science*, também investigou o valor deles para a ciência e a biodiversidade. Conforme a pesquisa, os espécimes mais velhos são cruciais para compreender diferentes ecossistemas e seus mecanismos, como reprodução, comportamento e estruturas sociais, além dos papéis que desempenham no meio ambiente. Segundo os cientistas, indivíduos idosos de espécies que vivem muito, como elefantes e baleias, acumulam conhecimento ao longo do tempo e isso os permite cuidar melhor de seus descendentes.